

INSCRIÇÃO VOTIVA À DEUSA VITÓRIA

Quando trabalhava na elaboração da *Carta Arqueológica* do distrito da Guarda, fui gentilmente informado, pelo Reverendo José Miguel Garcia Pereira, do aparecimento, no sítio denominado Vale do Seixo da povoação da Torre, no concelho do Sabugal, de uma lápide em granito. Temendo que o valioso documento epigráfico se extraviasse, o referido sacerdote transportou-o consigo, ao mudar para a paróquia de Malcata, no mesmo concelho. Foi aí, nessa povoação isolada em plena serra do mesmo nome, e quase privada de meios de comunicação, que, depois de atribulada viagem, fotografei e estudei a referida lápide.

Trata-se de uma inscrição votiva, que devia ter acompanhado os ex-votos à deusa Vitória. É muito lacónica e contém apenas os *elementos essenciais*, isto é, o nome da divindade, o nome do dedicante, seguido da filiação, e a expressão da oferta. Carece totalmente de *elementos acessórios*, que poderiam fazer luz sobre as circunstâncias em que o voto foi formulado.

O monumento tem forma rectangular com as seguintes dimensões: altura 80 cm., largura 30 cm., espessura 10 cm. Sòmente a metade superior se encontra preenchida pela inscrição, que ocupa quatro linhas. O terço inferior está marcado com um sulco: era a parte enterrada para manter o monumento na posição vertical. Na parte superior outros sulcos adornam o cipo.

LEITURA

SVNVA
TONGI .F.
VICTOR
IAE. V. S.



INSCRIÇÃO VOTIVA À DEUSA VITÓRIA
encontrada em Vale do Seixo da povoação da Torre
(concelho de Sabugal)

Isto é:

SVNVA TONGI F(ILIA) VICTORIAE V(OTUM) S(OLVIT).

TRADUÇÃO

Súnua, filha de Tôngio, cumpriu o voto à [deusa] Vitória.

Súnua e *Tôngio* pertencem decerto ao onomástico indígena. Percorrendo o inventário da vizinha província de Salamanca, incluído pelo Prof. Maluquer de Motes Nicolau na *Carta Arqueológica de Salamanca*, não encontrei qualquer antropónimo semelhante.

O aparecimento desta inscrição veio alargar para norte, na Beira Alta, a área cultural da Vitória. Leite de Vasconcelos (1) informa que na Idanha-a-Velha, «*região dos Igaeditani, houve na época lusitano-romana um ou mais santuários em honra de divindades guerreiras*». Indica duas inscrições dedicadas a Marte (2) e duas outras consagradas à *deusa tradicional Trebaruna* e à *Vitória romana* (3). Acrescenta uma outra do *Corpus* (4) — *Rufus, Tangini f(ilius) Victoriae u(otum) s(olvit)*—e uma outra do Museu de Figueira da Foz aparecida na Póvoa de Atalaia, do concelho do Fundão (5). Há uma particularidade curiosa na ara da deusa Vitória recolhida no Fundão pelo Dr. Leite de Vasconcelos. Também nela aparece o nome *Tongius*, a propósito do qual este Autor diz que é provavelmente derivado da raiz céltica *tong-*, em que entra a ideia de juramento (6). A tradução da inscrição referida é: «*Tôngio, filho de Tongetano, soldado veterano, porta-bandeira da coorte segunda dos Lusitanos, cumpriu de boa mente o voto à Vitória. Arduno, filho de Comínio, fez (este monumento)*» (7).

Seria este Tôngio pai da Súnua da nossa inscrição? Um mesmo motivo militar originou estes votos à deusa.

Na região da Idanha-a-Velha apareceu uma outra inscrição à deusa

(1) *Religiões da Lusitânia*, vol. III, p. 268.

(2) *Op. cit.*, vol. II, p. 296-302.

(3) *Op. cit.*, vol. II, p. 295.

(4) *C. I. L.*, II, 457.

(5) *Boletim da Soc. Santos Rocha*, I, 217.

(6) *Religiões*, vol. II, p. 297.

(7) *Op. cit.*, p. 298.

Vitória, hoje no Museu Lapidar da Idanha. Regista-a D. Fernando de Almeida (8): VICTOR/IAF. Está incompleta.

O antropónimo *Tongius* é registado por Leite de Vasconcelos, como já vimos (9). D. Fernando de Almeida (10) regista-o em cinco inscrições. Quanto a *Sunua*, o Dr. Pinho Brandão aponta-o numa das inscrições grafitadas do Museu de Arqueologia e Arte do Seminário Maior do Porto (11) e admite a sua provável origem celta. Hübner regista este antropónimo cinco vezes no *Corpus*, e D. Fernando de Almeida, três vezes em inscrições de Idanha-a-Nova.

A região do Sabugal, onde se encontra a povoação da Torre, é rica em vestígios da romanização, o que se explica pelos jazigos de cobre e estanho e ainda por alguns campos férteis nas margens do Côa. Têm aparecido no concelho outros monumentos epigráficos romanos.

ADRIANO VASCO RODRIGUES

(8) *Egitânia. História e Arqueologia*. Lisboa, 1956, p. 152.

(9) *Religiões*, vol. II, p. 297.

(10) *Op. cit.*, p. 134.

(11) Comunicação ao I Congresso Nacional de Arqueologia. Lisboa, 1958.